



A sala de aula no estúdio de TV e a educação de jovens do ensino médio

Por Ana Paula Silva Ladeira Costa e Marcelo Henrique da Costa

Já faz tempo que o audiovisual e a educação estão em flerte. As aproximações entre audiovisual e educação não são recentes, o antigo Instituto Nacional de Cinema Educativo, o INCE, por exemplo, iniciou suas atividades no Brasil na década de 1930. De lá para cá, tanto o campo da educação, quanto o campo do cinema e do audiovisual se propuseram a promover experiências em que as etapas de produção, reflexão e fruição de imagens e sons estivessem interligados por processos formativos/educativos.

Atualmente são inúmeras as iniciativas de projetos de pesquisa e extensão universitária, cursos livres, ações de formação promovidas por festivais, iniciativas na educação formal e não formal, projetos sociais que buscam construir algum tipo de conhecimento a partir das interações entre o audiovisual e a educação e, conseqüentemente, promover transformações nos grupos sociais em que atuam.

Diante desse contexto, iniciamos aqui a nossa

discussão sobre como o audiovisual e a educação podem ser, juntos, vetores de transformação social. Estão em andamento na Universidade Estadual de Goiás (UEG), projeto de pesquisa e outro de extensão universitária que estão sendo desenvolvidos na interface entre o audiovisual, a educação e as tecnologias digitais. A proposta é de que sejam investigadas metodologias capazes de melhorar o processo de ensino e de aprendizagem no Programa Goiás Tec, projeto coordenado pela Secretaria de Estado da Educação de Goiás - SEDUC/GO e que atende mais de 10 mil estudantes de Ensino Médio de populações rurais e de difícil acesso, comunidades quilombolas e indígenas.

A esses jovens são ofertadas teleaulas ao vivo e gravadas, produzidas em quatro (4) estúdios de TV do Centro de Mídias da SEDUC/GO. Os professores especialistas nas disciplinas do currículo escolar, trabalham de Goiânia, onde fica o Centro de Mídias e os estudantes, em telesalas distribuídas por todo

o interior do estado de Goiás e são orientados por professores presenciais com formação em pedagogia. São transmitidas/produzidas cerca de 40 teleaulas diariamente, nos turnos matutino e vespertino. Cabe destacar que, nas escolas atendidas pelo Goiás Tec, as salas de aulas contam com um televisor de 55 polegadas, e os estudantes se comunicam com os professores de estúdio via chat do canal do Goiás Tec no Youtube, por onde as aulas são transmitidas e/ou disponibilizadas.



Professora Mediadora Presencial em telesala do Goiás Tec / Foto: Reprodução

Os estúdios são compostos por cenografia, lousa digital, três (3) câmeras e sala técnica equipada com todo o suporte técnico profissional para transmissão ao vivo e gravação. Cada estúdio conta com uma equipe técnica composta por diretor de TV, operador de VT, áudio e GC e assistente de estúdio. Além dos profissionais de estúdio, cada turno de trabalho é gerido por um coordenador de produção, e o apoio de uma profissional de visagismo. Ao todo são cerca de 30 profissionais, todos eles contratados e orientados pela Universidade.

Neste contexto percebemos a teleaula enquanto um formato audiovisual, observando aspectos como: tempo de duração, formato de apresentação, cenografia, fotografia, som e uso das câmeras. O

especialista em educação, comunicação e tecnologia, Luis Cláudio Saldanha, compreende que “a teleaula está inserida no conjunto de recursos multimídia utilizados nas práticas de ensino e nas experiências de aprendizagem, com destaque para tecnologias digitais de telecomunicação que pertencem à atual cultura digital. Essa apropriação dos recursos tecnológicos na teleaula permite, então, que a presença, as ações e a prática pedagógica do professor sejam mediatizadas e virtualizadas, chegando até o aluno por meio de transmissão via satélite e em formatos próprios da linguagem audiovisual, aproximando se, em alguma medida, da cultura televisiva”.

Em outro estudo sobre os gêneros televisivos, José Carlos Aronchi de Souza, especialista em gêneros e formatos televisivos, explica que o formato é uma nomenclatura utilizada para “identificar a forma e o tipo da produção de um gênero de televisão”, sendo desse modo, a teleaula um gênero. Embora exista uma impressão geral de que o acesso livre e irrestrito aos dispositivos digitais e a internet é uma coisa dada, ainda existem dificuldades na implementação de políticas de inclusão digital. Em muitos casos, ocorre uma instrumentalização da tecnologia com a simples mudança de suporte, mas sem considerar a natureza tecnológica desses aparatos e suas possibilidades de adequação do conteúdo, potencialidades de programação e reordenamento. A mudança de modelo é sempre um desafio, já que altera as estabilidades constituídas ao longo do tempo, gerando insegurança. Em muitas situações, essa insegurança também se converte em resistência às novas práticas pedagógicas, uma vez que “grande parte do debate surge a partir de visões tradicionais da educação, que encaram as tecnologias e o digital como essencialmente instrumental. E, na realidade, o desafio já não é apenas o de aprender e integrar o digital no processo educativo, mas sim, o de assegurar que os cidadãos evoluam de meros consumidores para produtores esclarecidos e ativos, preparando-os para uma verdadeira cultura do digital”, como afirma o estudioso José Antônio Moreira.



Estrutura técnica de sala de operação dos estúdios e estúdio de TV do Goiás Tec / Foto: Reprodução





Integração de produções multimídia durante transmissão ao vivo de teleaula / Foto: Reprodução

O desafio que se impõe é pensar na teleaula enquanto formato audiovisual, de modo que aspectos relacionados ao processo de ensino e às práticas pedagógicas sejam preservados ou satisfatoriamente adequados ao novo suporte. Para melhor compreensão dos processos de realização dessas produções audiovisuais do Goiás Tec, a equipe do CriaLab|UEG – Laboratório de Pesquisas Criativas e Inovação em Audiovisual e da UEG TV – emissora de televisão universitária, tem realizado ações formativas com a equipe técnica e com a equipe docente que ministra as teleaulas. Foram realizadas, por exemplo, a exibição e análise de teleaulas previamente gravadas, de 16 professores.

Em uma das atividades de avaliação com docentes, os conteúdos foram projetados em uma TV e os professores sentaram-se a uma distância similar à que um aluno do Goiás Tec senta-se do aparelho na sala de aula presencial. Em seguida, foi realizado um momento de troca de percepções, em que os próprios docentes comentaram sobre os vídeos, observando aspectos que poderiam ser melhorados.

A análise das teleaulas enquanto objeto do campo audiovisual nos remeteu a questões relacionadas à fotografia; cenografia e objetos de cena; material gráfico projetado nos vídeos; edição e som. Constatou-se a necessidade de melhorias relacionadas ao

enquadramento para obtenção de maior equilíbrio da imagem. A análise também evidenciou a necessidade de diminuir o ruído na imagem, retirando objetos desnecessários e que podem distrair o estudante. Ao assistirem ao conteúdo em condições semelhantes aos estudantes, os professores do projeto perceberam a necessidade de adequação dos slides utilizados nas aulas, adequando à cor e tamanho da fonte utilizada. Também foi reforçada a função retórica do corte, na edição dos vídeos. Por fim, sugeriu-se o uso de mais recursos visuais nas aulas.

Com a equipe técnica, tem sido desenvolvido um trabalho constante de avaliação da qualidade técnica e operação, tais como: questões relacionadas a questões de linguagem audiovisual – enquadramentos, movimentos de câmera, qualidade de som; inserção de VTs e outros materiais produzidos para as aulas; interação entre imagem captada pela câmera de estúdio e a tela com slide/quadro digital com escrita manual dos professores e professoras; atendimentos voltados para a produção do material gráfico visual para as teleaulas; direção de cena dos e das docentes; padronização de corte, GC e vinhetas.

Como resultado preliminar, percebeu-se que as trocas de experiências entre a equipe da Secretaria de Estado da Educação de Goiás e do CriaLab|UEG e da UEG TV, possibilitou análises detalhadas dos vídeos de teleaulas gravadas resultaram em insights valiosos para aprimorar a comunicação audiovisual no ensino, abordando aspectos como enquadramento, clareza visual, ritmo e estratégias para manter a atenção dos alunos. Com a promoção de desafios inovadores, como a exploração de diferentes câmeras e movimentação no estúdio, os educadores se envolveram de forma proativa, evidenciando a importância da adaptação à linguagem audiovisual televisiva no cenário educacional contemporâneo. Tais descobertas e ajustes prometem um impacto positivo na experiência de aprendizado e engajamento dos alunos em futuras práticas de ensino por meio de teleaulas produzidas em estúdios de TV.

Professora Mediadora Presencial e estudantes em telesala do Goiás Tec / Foto: Reprodução





Ana Paula Silva Ladeira Costa é graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2004), mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (2008) e doutorado em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (2013). Realizou estágio de Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), com supervisão da Prof. Dr. Sônia Virgínia Moreira (2019-2022). Atualmente é professora efetiva do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás. Atuou como coordenadora de programação da UEG TV (2019-2024). É membro do comitê editorial e de programação da TV UFG desde julho de 2020.

Contato: ana.costa@ueg.br



Marcelo Henrique da Costa é de Goiânia (GO), professor do Depto. de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (UEG), publicitário, mestre em Cultura Visual, doutor em Arte e Cultura Visual. Atua como coordenador do Laboratório de Pesquisas Criativas e Inovação em Audiovisual, o CriaLab|UEG, coordenador da Rádio UEG Educativa e da UEG TV. Produtor em projetos audiovisuais para TV, internet, rádio e cinema.

Contato: marcelo.costa@ueg.br